

SOCIEDADE EM CONSTRUÇÃO: QUAL O REAL PAPEL DA EDUCAÇÃO?

Rosimeire Aparecida Monteiro Silveira
Centro Universitário de Maringá - Unicesumar
rosi.m.silveira@hotmail.com

Caroline Mari de Oliveira
Centro Universitário de Maringá - Unicesumar
oliveiracaroline29@gmail.com

Introdução

A construção de uma sociedade baseia-se inteiramente nas relações e ações sociais entre os indivíduos, refletindo suas práticas históricas e comportamentais perante este ambiente. Para entender melhor sobre as ações sociais e a sociologia que serão abordadas neste trabalho, vemos os esclarecimentos de Max Weber:

Deve-se entender por sociologia (no sentido aceito desta palavra que é aqui empregado das mais diversas maneiras possíveis) uma ciência que pretende entender pela interpretação a ação social para desta maneira explicá-la casualmente no seu desenvolvimento e nos seus efeitos (WEBER, 1973, p. 400).

Levando em consideração que as mudanças naturais e tecnológicas alteram o posicionamento humano perante os outros indivíduos, observamos que a sociedade encontra-se em mudanças cotidianamente, adaptando-se ao meio e ao espaço. Desta forma, temos uma sociedade sempre em construção.

Para Bauman (2003), na maior parte da história, a modernidade foi uma era de “engenharia social” em que não se acreditou na emergência e na reprodução espontânea da ordem, com o desaparecimento das instituições auto regenerativas da sociedade pré-moderna, a única ordem concebível era uma ordem projetada com os poderes da razão e mantida pelo monitoramento e manejo cotidianos.

Métodos e materiais

Foi realizada uma revisão de literatura objetivando descrever as ações do indivíduo na sociedade atual. Esta pesquisa pautou-se na análise bibliográfica que levam a reflexão sobre como as ações sociais são praticadas hoje, enfatizando o papel da educação na transformação social.

Discussão

Estudos indicam que um dos momentos em que as mudanças sociais aparecem explicitamente é no século XVIII, com a Revolução Industrial, quando ocorreu uma migração em massa para a zona urbana. No entanto, as cidades não estavam preparadas para tal movimentação e desta forma faltou moradia e emprego, implicando diretamente em transformações nas relações sociais.

Neste momento, necessitava-se de uma nova ciência que entendesse essas mudanças na sociedade, nasce então a sociologia que objetiva entender a mudança social no comportamento dos indivíduos, pela sua perda de espaço no mercado de trabalho, bem como as mudanças do perímetro rural, no qual o homem do campo tinha poder sobre tudo, para o perímetro urbano onde não se tem poder sobre nada, e ainda sente-se totalmente impotente por não poder suprir as necessidades básicas de sua família.

A partir do contexto explicitado, as condições sociais geram no indivíduo a necessidade de encontrar sua própria identidade. Para Bauman (2003), identidade significa aparecer: ser diferente, e por essa diferença, singular, ocorre assim a procura da identidade que não pode deixar de dividir e separar. No entanto, a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados.

Desta maneira, a influência das transformações sociais e capitalistas começam a alterar as prioridades do indivíduo. Estas mudanças começam a aparecer com a alteração do ser para ter, e no fato do homem desenvolver uma alta habilidade de manipular o controle das coisas, que finda por atingir diretamente a estrutura da sociedade e o meio em que vive, tornando a sociedade um meio em construção a mercê de seus desejos e transformações.

A história da humanidade parte de um mundo de coisas em conflito para um mundo de ações em conflito. No início, as ações se instalavam nos interstícios das forças naturais, enquanto hoje é o natural que ocupa tais interstícios. Antes, a sociedade se instalava sobre lugares naturais, pouco modificados pelo homem, hoje, os eventos naturais se dão em lugares cada vez mais artificiais, que alteram o valor, a significação dos acontecimentos naturais (SANTOS, 2006, p. 96).

Essas considerações reafirmam as transformações que o homem realiza não só nas relações sociais como também no espaço geográfico e natural em que vive. Assim, entendemos não apenas as ações dos indivíduos, mas também as das massas humanas.

Nesse sentido, considerando o fato de que as ações humanas nem sempre repercutem em efeitos positivos ao meio e, conseqüentemente, aos indivíduos, há que se pensar mais em viver bem, deixando de ser escravo do mundo capitalista e passe a se preocupar com o que realmente precisamos como saúde, higiene, afetividade, ar puro e o contato com a natureza (MARX; ENGELS, 1980).

Observamos os autores supracitados consideram que as relações sociais atuam como transformadoras da sociedade, sendo que muitas vezes ocorrem sem que tenha um retorno positivo para os indivíduos. As pessoas agem em busca de seu próprio

interesse, sendo que esta busca nada mais é do que uma ilusão, pois estes interesses nada tem a ver com as suas reais necessidades.

Se a liberdade de escolha é garantida na teoria mais inatingível na prática, a dor da desesperança com certeza será superada pela ignomínia da infelicidade – pois a habilidade, testada todos os dias, de enfrentar os desafios da vida é a própria oficina em que a autoconfiança, o senso de dignidade humana e a auto-estima dos indivíduos são formados ou fundidos. Além disso, sem seguro coletivo dificilmente haverá muito estímulo ao engajamento político – e com certeza nenhum estímulo à participação no ritual democrático das eleições, já que é provável que a salvação não virá do Estado político que não seja, e se recuse a ser, um Estado social (BAUMAN, 2008, p.178-179).

As necessidades reais dos indivíduos, para Marx e Engels (1980), devem estar em primeiro plano para todos, pois sem um corpo saudável, sem um ambiente puro e sem afetividade de que vale a busca incansável por poder e pelo ter em busca do consumo desenfreado.

O modelo de ‘consumismo’ aqui proposto, assim como os da ‘sociedade de consumidores’ e da ‘cultura de consumo’, são os que Max Weber chamou de ‘tipos ideais’: abstrações que tentam aprender a singularidade de uma configuração composta de ingredientes que não são absolutamente singulares, e que separam os padrões definidores dessa figuração de multiplicidade de aspecto que a configuração em questão compartilha com outras (BAUMAN, 2008, p.40).

Para Bauman (2003), o poder moderno diz respeito antes e acima de tudo a capacidade de gerenciar pessoas, de comandar, de estabelecer as regras de conduta e obediência a essas regras.

As pessoas que acreditam que não há nada a fazer para suavizar o tom, e menos ainda para exorcizar o espectro da insegurança, se ocupam em comprar alarmes contra ladrões e arame farpado. O que eles procuram é o equivalente do abrigo nuclear pessoal; o abrigo que sem ladrões e a prova de intrusos (BAUMAN, 2003, p.103).

Acreditamos então que uma compreensão mais ampla do homem para com a sociedade em que vive. É fundamental observar as relações sociais e as relações com a natureza e tomar consciência de suas ações, visando promover a qualidade de vida,

cultura e repensar valores há muito esquecidos, tornando este um ambiente que propicia melhores condições de vida para futuras gerações.

Gerações novas, que forem educadas com bondade, ensinadas a ter uma opinião elevada da razão, e que experimentarem os benefícios da civilização numa idade precoce, terão atitudes diferentes para com ela. Senti-la-ão como posse sua e estarão prontas, em seu benefício, a efetuar os sacrifícios referentes ao trabalho e à satisfação instintual que forem necessários para sua preservação (FREUD, 1979, p.89).

Para Bauman (2010), pode-se dizer que, em geral, o aumento da incerteza e a crescente evidência da total inadequação do modelo "faça isso sozinho" tornam as pessoas mais ansiosas para construir laços e buscar refúgios em coletividades firmemente cerradas (tendência que pode ser revertida uma vez que as coisas se tornem menos cinzentas ou mais promissoras).

Dessa forma, podemos entender que a educação tem servido como principal instrumento para o "aprender a aprender" que, diante das propostas globalizantes do capital, atribui aos indivíduos o desenvolvimento de habilidades e competências para inserção e destaque no mercado de trabalho. Essas relações contribuem para naturalização da sociedade capitalista e o impedimento de que os indivíduos compreendam a totalidade social, bem como, a estrutura social de classes e o adestramento ao trabalho.

Considerações finais

Assim, a nossa sociedade está à mercê do capitalismo, bem como da mercadoria, como condição para o consumo e a educação tem sido contemplada como fonte de conhecimento e transformação de acordo com o desenvolvimento do país em detrimento do capital.

Na contramão desta afirmação, a educação tem a responsabilidade de mudar esta visão para o bem coletivo das próximas gerações, não como vem sendo apregoada pelos ditames capitalistas. Mas, como forma de superar os limites da divisão social do trabalho,

como nos afirma Duarte (2003), e reafirmando os direitos de todos os indivíduos à apropriação da cultura humana.

Nesta concepção de educação, os indivíduos são levados a compreender não somente as partes, singularidades sociais, mas a totalidade social, ao qual as partes lhe compõem, compreendendo o saber que o homem deve adquirir para superação desta sociedade, passando do “em si” ao “para si” tornando-se livre, racional e contra a tarefa educacional de conformação das relações sociais ao se deparar com a lógica social que exclui e cria a miséria, um dos principais determinantes que assolam toda população humana.

Referências

BAUMAN, Z. **COMUNIDADE: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**, Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DUARTE, N. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação, Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

FREUD, S. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

MARX, K. ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 2006.

WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1973.